

SOBRE AÇÕES DE INSISTÊNCIA E OUTROS NÓS OU COMO RASURAR IDENTIDADE E CIDADE: CONSTRUINDO UM TEXTOTRAMA EM BELÉM-PARÁ-AMAZÔNIA

Flávia de Sousa Araújo¹

RESUMO

Partindo da compreensão de que o domínio de ferramentas de criação discursiva que instituem categorias ordenadoras de visões de mundo se trata de uma estratégia fundamental de sobrevivência / permanência nos territórios criados / disputados; e fazendo alusão à técnica de tecedura manual, elaboramos este texto enquanto um textotrama na qual buscamos agenciar fios discursivos (conjuntos de falas e práticas) dos principais sujeitos que nomeiam e rasuram a categoria-cidade Belém do Pará, bem como três de suas principais identidades hegemonicamente instituídas: quilombola, indígena e ribeirinha, as quais são, nos discursos dominantes, consideradas “outras” que diferem daquela(s) que identifica(m) o “cidadão belenense”. Cabe ressaltar que o ato de alinhar-cartografar diferentes discursos / falas e práticas dos principais sujeitos (des)constituidores destas categorias é já tramá-los com meus próprios discursos, e é o enlace destes que compõem agenciamentos, aqui denominados enosamentos.

Palavras-chave: *rasura; identidade; cidade; Belém*

¹ Professora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL). Doutora pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC) na Universidade Federal do Rio de Janeiro

ON INSISTENT ACTIONS AND OTHER KNOTS OR HOW TO SCRATCH IDENTITY AND CITY: BUILDING A WEFT-TEXT IN BELÉM-PARÁ-AMAZÔNIA.

ABSTRACT

Our starting point is that the ability of discursive creation that builds categories, which shape our world vision, is a fundamental strategy of survival/permanence in the built/disputed territories. In reference to the manual weave technique, we wrote this text as a weft-text, in which we've aimed to assemble discursive strings (aggregates of speeches and practices) of the main subjects that name and scratch the category-city of Belém do Pará, from the point of view of three hegemonic local identities: quilombola, indigenous and ribeirinha. These local identities, which in the dominant discourses are considered as "aliens", differ from those that identify the belenense ordinary citizen. The act of mapping and sewing different discourses/speeches and practices of individuals that challenge those dominant identities is to weave them with my own discourse. The union of them composes assemblages, which we designate as "making a knot".

Keywords: *scratch; identity, city, Belém.*

ALINHAVO

Este texto se apresenta enquanto uma trama crítico-reflexiva acerca de como se constituem dizeres *identidade* e *cidade* em meio ao contexto atual de crescentes e constantes disputas pela hegemonia do que é dito espaço urbano, bem como as relações sociais que o produzem e o mantêm. Entendemos que estas duas categorias são ditas / criadas de maneira múltipla e paradoxal, sobretudo por sujeitos singulares *não-contados*, não-ditos (ou malditos) nos discursos dominantes, cidades e identidades ditas de maneira que ora diferem, ora ratificam aquelas instituídas e fixadas por uma hegemonia que continuamente se articula de forma a (re)estabelecer uma cidade-categoria, cujos territórios existenciais são também (re)criados para manter o Capitalismo contemporâneo. Frente aos discursos que produzem uma visão de mundo calcada em categorias fixas tais como cidade e identidade, é necessário dominar as ferramentas de criação discursiva que instituem estas categorias, entendendo essa necessidade enquanto estratégia fundamental de sobrevivência/permanência nos territórios criados/disputados. Sobretudo para coletividades que, muitas vezes, são classificadas em identidades fixas como mecanismo de controle, para que permaneçam em um estado de invisibilidade ou opacidade. Ao mesmo tempo, percebemos que, nesta invisibilidade, tais coletividades acionam outras identificações por meio de falas e práticas que permitem tencionar a cristalização, ou melhor, a estratificação² do que é dito cidade e identidade.

Partindo de uma perspectiva da multiplicidade, e não da binaridade inerente à questão acima exposta, desejamos cartografar³ precisamente relações que operam com a necessidade de se pensar para além de qualquer classificação étnica ou físico-territorial predominantemente constituída e legitimada, mas que, desta maneira, desestabilizam modos padronizados/estratificados de ocupar, acessar e produzir territórios no hegemonicamente instituído espaço urbano.

O presente texto se constitui pelo desejo de cartografar e ao mesmo tempo tramar diferentes discursos sobre identidade e cidade, de modo a entendê-los (e entender as relações entre si) para além de uma perspectiva estratificada, mas revelando seus “enosamentos”, ou seja, cartografando agenciamentos coletivos de enunciação e/ou subjetivação que emergem nas e das relações sociais inerentes aos processos de estratificação. Nos é caro, portanto, o que é considerado avesso, não no sentido binário de frente-verso, dois lados de um mesmo objeto, mas no sentido do que não se vê,

² Segundo Deleuze e Guattari, os estratos são fenômenos de acumulações, sedimentações, coagulações, dobramentos (...) (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, 2016); são articulações à guisa de “pinças” e pressupõem meios codificados e substâncias formadas (formas), seus componentes são: forma e substância, códigos e meios, ou seja, tipos de organização formal, modos e desenvolvimento substancial diferente. Estratificar é, portanto, ordenar e codificar as coisas.

³ Cartografar no sentido trabalhado por Félix Guattari e Suely Rolnik (1999), cujo sentido é melhor explicitado no decorrer desta trama.

do que se esconde, do prisma da multiplicidade frente à unicidade. Enfim, interessa-nos apreender outros ângulos de um mesmo processo que, tal como em um bordado, retém as imperfeições, os emaranhados que emergem das costuras e constituem o motivo (a imagem) do molde-referência, ao mesmo tempo em que o rasuram de maneira a não se distinguir com clareza o que está sendo bordado.

Fazendo alusão à técnica de tecedura manual, nesse movimento de confecção de um textotrama buscaremos agenciar *fiões discursivos*, ou seja, diferentes fragmentos discursivos, conjuntos de falas e práticas dos principais sujeitos envolvidos que nomeiam e rasuram – no sentido de Jacques Derrida – a cidade-categoria Metrôpole de Belém do Pará, bem como três de suas principais identidades hegemonicamente instituídas: identidade quilombola, identidade indígena e identidade ribeirinha, as quais são, nesses discursos dominantes, consideradas “outras” que diferem daquela(s) que identifica(m) o “cidadão belenense”. Cabe ressaltar que o ato de alinhavar-cartografar diferentes discursos/falas e práticas dos principais sujeitos (des)constituidores destas categorias é já tramá-los com meus próprios discursos, e é o enlace destes que irá compor os denominados enosamentos, cujas problematizações e apresentação de como estes se formam constituem o próprio textotrama.

A PONTA DO FIO E NOSSA FERRAMENTARIA

Este textotrama se enlaça na contínua atualização de complexidades inerentes ao atual sistema Capitalista aqui denominado como “Capitalismo Contemporâneo” ou contexto Capitalístico⁴, fazendo conexão com o que os psicanalistas Félix Guattari e Suely Rolnik (2005) outrora nomearam “Capitalismo Mundial Integrado” entendendo que este sistema é mundial e integrado por ter potencialmente colonizado o conjunto do planeta, por manter-se em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele e por tender a controlar toda e qualquer atividade humana e setores de produção (GUATTARI; ROLNIK, 2005). É nesta conjuntura do Capitalismo Contemporâneo que os processos de ocupação e construção dos ditos espaços urbanos se dão, não somente pela razão técnica que segmentariza e estratifica – no sentido deleuzeano de instituir, de fixar, de delimitar por meio de instâncias a ponto de destituir a potência criativa, o devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.123) – seus diversos territórios, organizando-os, criando

⁴ Para indicar este contexto do Capitalismo Contemporâneo, Guattari utiliza o termo ‘Capitalístico’ no intuito de “determinar os processos de produção e consumo do mundo que acontecem em todos os regimes, sejam eles Capitalistas, comunistas ou socialistas. A máquina Capitalística de produção e consumo atravessa todos esses regimes criando um só tipo de produção do desejo. Após a queda do bloco soviético, na medida em que a China se tornou um dos principais mercados do Capitalismo mundial e no quadro atual de quebra dos mercados financeiros mundiais, provocado pela receita neoliberal aplicada ao extremo no mercado imobiliário norte-americano, e no qual esse mercado recorre setores de Estado para socializar as dívidas, a diferenciação entre os regimes fica cada vez mais complicada. O Capitalístico de Guattari ganha cada vez mais sentido” (PORTELA, 2009, p. 14).

funções, desejos e fluxos homogeneizantes, mas também por meio das práticas ordinárias de seus habitantes (CERTEAU, 2011), de seus múltiplos segmentos sociais e sujeitos singulares.

As disputas pelos territórios da hegemonia do dizer espaço urbano/espaço rural; cidadão/forasteiro; igual/diferente; campo/cidade; enfim, da enunciação do verbo ser (isto é/isto não é) de modo a des(re)criar categorias que estabelecem uma determinada visão de mundo, dá-se a partir dos mais variados agenciamentos⁵ produzidos pelos diferentes sujeitos envolvidos. Vale salientar que, quando nos referimos a territórios, compreendemos tal termo para além de localidade e/ou jurisdição, pois este remete fundamentalmente ao que Félix Guattari (1992) define como *territórios existenciais*, sendo estes componentes subjetivantes que formam a capacidade de auto-caracterização, a reflexividade do “ter consciência de si”; bem como a noção de território desenvolvida pelo geógrafo Milton Santos (2008) que o considera como lugar instituído por todas as manifestações da existência humana, onde emergem todas as ações, paixões, poderes, forças e fraquezas.

Assim como a ideia de território, o termo “agenciamento” aqui também não se restringe à ideia delimitada pelo dicionário no sentido de “angariar” ou “trabalhar para obter”, mas se trata de conexões entre diferentes fragmentos: entre sujeitos, entre sujeitos e objetos, entre objetos (PORTELA, 2009). E é a partir de uma espécie de cartografia dos agenciamentos que eclodem nos discursos produzidos por diferentes sujeitos em meio aos confrontos territoriais no dito espaço urbano, que este textotrama se debruça, considerando que tais agenciamentos se criam, recriam-se, dividem-se, emaranham-se, desterritorializam e reterritorializam⁶ pelos discursos de quem deseja ocupar e produzir territórios, seguindo ou não os ditames da cidade-categoria instituída hegemonicamente, doravante aqui grafada **cidade**. Aqui destacamos que esta grafia em negrito é escolhida para ser utilizada em palavras que remetem ao sentido hegemônico, predominantemente instituído segundo um pensamento arborescente. Assim como a grafia que rasura a palavra, a exemplo de ~~cidade~~, tem por proposta imagética remeter ao sentido múltiplo e também ambíguo em que aquele termo rasurado está sendo dito.

⁵ De acordo Portela (2009): “Por agenciamento entendemos uma noção ampla que não coincide com outras como grupo ou conjunto. O agenciamento comporta componentes heterogêneos – biológicos, sociais, imaginários, químicos (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 317). Os agenciamentos endurecem sistemas de intensidade através de seus fragmentos constitutivos e podem operar nos mais variados sistemas: de cognição, de afetos, de religiões, de culturas. Ele se constitui na multiplicidade, por onde passam fluxos que se engendram produzindo formas-territórios e/ou processos (...) [des-re-territorialização], que constroem e ocupam o espaço urbano, seja por alianças entre as maiorias ou entre as minorias” (PORTELA, 2009, p.14).

⁶ A problemática da territorialidade (DELEUZE; GUATTARI, 1997a) é dividida por três movimentos específicos: Territorialização (criação/firmação de planos territoriais por planos segmentados ou fragmentados); Desterritorialização (deslocamento dos fluxos territoriais para planos outros, dimensões novas); Reterritorialização (movimento territorial de retorno/ anticriador aos planos anteriormente estabelecidos).

O espaço urbano se constitui entre os diferentes sujeitos que o ocupam e o constroem, sempre enquanto processo, em multiplicidades⁷ e, neste contexto, é instituído por meio de discursos⁸ polissêmicos que estabelecem entre si um campo de disputas pela hegemonia de sua definição e consequente controle de seus territórios. Assim, destacamos a construção e legitimação de discursos como mecanismo fundamental no processo de disputa do dizer cidade e identidade, realizadas pelos principais sujeitos produtores do espaço urbano que, via discursos, intentam estabelecer/moldar/ representar/ identificar cidade e cidadãos, bem como delinear suas dinâmicas e relações sociais.

Nos interessa apreender o que desvia e escapa (e que ao mesmo tempo é capturado) da lógica dominante do verbo ser, no desejo de compreender outras visões de mundo e outras lógicas que agem na multiplicidade, que não se limitam/restringem às categorias dominantes do Capitalismo Contemporâneo, mas as subvertem.

O controle da produção de subjetividades não é apenas realizado por uma via impositiva, ou seja, não necessariamente tudo é aceito sem questionamentos, mas instaura-se aí uma incessante negociação dos desejos: desejo do conforto sedutor/ apaziguador/ conciliador em que esta “ordem do mundo” que gerencia a vida social e o desejo da necessidade de outra ordem, da vontade do que ainda não tem nome, do desvio de fluxos⁹, de táticas que subvertem a ordem dominante tal como nos explana Michel de Certeau (2011). Para ele, os estudos da representação e comportamento social devem estar aliados ao estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica”, ou seja, ao que ele produz, no sentido de *poiésis*, reinventa, decodifica as mercadorias ou produtos culturais dando-lhe um novo uso ou um sentido poiético. Para além da produção racionalizada e espetacular, cabe evidenciar esta outra produção, a que se faz notar nas maneiras de empregar os produtos impostos pela lógica de consumo dominante, aquela que “se insinua ubiquamente”, “quase que invisível”, como uma espécie de transgressão, subversão para o “meio popular” – um desvio, uma gambiarra – a partir das subjetividades que lhes são impostas pelas elites produtoras de linguagem, de riquezas e processos de subjetivação.

⁷ Para Deleuze e Guattari (2004) o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade aqui não deve ser entendida em relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. Explanaremos mais este conceito, no decorrer deste trabalho, ao nos remetermos à Lógica da Multiplicidade ou da Diferença.

⁸ Nesta trama, entendemos discurso não como enunciação, somente, mas enquanto relação comunicacional e intenção.

⁹ Desvios, neste caso, referem-se às ações que rompem com as subjetividades hegemônicas, reapropriando-se de tais subjetividades de maneira a criar situações-outras, baseadas em processos de individuação, no cotidiano, atitudes de autopoiésis em detrimento da lógica Capitalista. Podendo, assim, serem considerados também como cortes, pontos de ruptura, cujos agenciamentos são os sistemas desses cortes de fluxos. Fluxos aqui, segundo Deleuze e Guattari (2004), “é qualquer coisa, em uma sociedade, que corre de um pólo a outro e que passa por uma pessoa, unicamente na medida onde as pessoas são interceptadores. Ou ainda: o processo é aquilo que chamamos de fluxo. Ora, ainda aí, o fluxo é uma noção de que precisávamos como noção qualquer não qualificada. Isso pode ser um fluxo de palavras, de ideias, de merda, de dinheiro, pode ser um mecanismo financeiro ou uma máquina esquizofrênica: isso supera todas as dualidades” (DELEUZE, 2002, p.305 apud ARAGON, 2006).

Os desvios ou as gambiarras ocorrem a partir de microações que alteram (no período de suas ações) as estruturas tecnocráticas e seu funcionamento por meio de táticas do cotidiano, bricoladoras, que emergem da criatividade dispersa dos grupos ou dos indivíduos expostos às redes de vigilância (referente às sociedades disciplinares das quais aborda Michel Foucault [1979]) e estabelecem a rede de uma antidisciplina. Estas táticas podem ser percebidas sobretudo pelo prisma da “cultura popular”, uma arte de combinar/ articular/ bricolar indissociável de uma arte de utilizar.

Diferentemente da noção de Certeau (2011) não entendemos estas táticas somente como formas de resistir, mas mais além, como formas de *insistir*. Ou seja, como *táticas/ações de Insistência* que não pressupõem, necessariamente, um movimento contrário, mas se trata de um remetimento à insistência, à teimosia, à birra: a negociação dos desejos no campo da multiplicidade que inferem a coexistência de fluxos e forças desejantes, os quais não se limitam na contradição, mas se emaranham, adaptam-se seguindo direções ora opostas, ora convergentes, ora indecifráveis, dando *nó*, criando *enosamentos*.

No cerne dos processos coletivos de subjetivação, da mesma natureza da gambiarra se encontra o ato de rasurar que também deve ser aqui entendido como uma importante ação de Insistência. A rasura remete, particularmente, ao ato de multiplicar interpelações, argüir verdades, borrar fronteiras, tachar palavras, abalar estruturas, desdobrar e riscar essências, reescrever naturezas, devir sem fim, instaurar errâncias, esvanecer origens, tornar destinos brumosos, desviar de rota, fazer espaço do tempo, fazer tempo do espaço etc. Ou ainda, como nos explana Silviano Santiago (1976):

A rasura instaura uma economia vocabular. O tipo gráfico da impressão, as letras riscadas devem ser entendidas como manifestações da estratégia desconstrutora em Derrida. Usando termos de uma linguagem que quer desconstruir, Derrida abala esta linguagem e inscreve um sentido outro além dela Sendo a rasura uma modalidade de solicitação e estratégia, funciona como elemento regulador da polissemia e estabelece uma lógica de complementaridade na própria sintaxe em que se inscreve (SANTIAGO, 1976, p. 74).

Se pensar **cidade** é pensá-la também enquanto um poderoso lugar de agrupamento/ atração da multiplicidade/ heterogeneidade, encontramos no(s) processo(s) de homogeneização e controle dos sujeitos e territórios pela via do Pensamento Único (incluindo a própria ideia de cidade e também identidade), um direcionamento contrário, pois este opera de acordo e para um viver/agir/pensar/compreender/dizer cidade delimitado, estratificado. Assim, apontamos que tais processos emerge(m) enquanto nosso objeto de análise e reflexão a partir da problemática que ele(s) instaura(m) no próprio devir-cidade. Nesta perspectiva, a disputa discursiva pela hegemonia em relação ao que é dito como identidade e cidade, bem como a relação – que se dá de maneira hierárquica e também subvertida – entre seus diferentes sujeitos, centralizam a questão que nos move na tecedura deste textotrama.

A **cidade** instituída, estratificada, do pensamento único é também aquela regida pelo consenso e, neste regimento, faz calar e, de certa maneira, invisibiliza os *não-contados*, como denomina Rancière (1996), aqueles que escapam de sua lógica dominante. Para isto, categoriza, cria partes e funções em uma recusa aos litígios políticos. Desta forma, ratificamos a ideia apresentada por este autor de que o que se institui democracia dos (ditos) Estados consensuais tendem a fazer desaparecer não o próprio poder, mas a cena política de exercício do dissenso.

Nessa perspectiva, como modo de operar no entremeio e cartografar/abordar processos de subjetivação inerentes às ações de Insistência nos diferentes territórios do que se diz cidade e sempre no exercício e tentativa de escapar da captura pelo pensamento dual, criamos algumas figuras conceituais principais que nortearão este textotrama, a saber: *linha*, *fios discursivos*, *nó*, *enosamento*, *ruptura*, *emenda*, *molde*, *campo de tecedura* e *ponto invisível*.

- i) *Linha* – da ordem do desejo, remete aos fluxos desejantes que nos movem, nos interpelam;
- ii) *Fios discursivos* – são constituídos de Linha e se referem a um ou mais fragmento discursivo retirado de seu contexto original e aqui conectado(s) a outro(s) fragmento(s);
- iii) *Nó* – a força que agencia uma ou mais linhas, um agenciamento no sentido deleuzeano;
- iv) *Enosamento* – um conjunto de nós; um emaranhamento de agenciamentos;
- v) *Ruptura* - cisão de uma linha (inerente ao desvio; o acontecimento, processo de desterritorialização);
- vi) *Emenda* – a continuação de uma ou mais linhas após a ruptura (processo de captura ou subversão, reterritorialização);
- vii) *Molde* – da ordem do *decalque* deleuzeano, trata-se de mecanismos de regulação e controle que organiza/ estratifica o movimento da(s) linha(s);
- viii) *Campo de tecedura* – remete a um mapa, no sentido que atribuem Deleuze e Guattari (2004), opõe-se ao *decalque*, pois não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo (algo já dado), mas o (re)constrói infinitamente. Assim, o mapa é sempre aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Além disso, um mapa pode ser “rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE, GUATTARI, 2004, p.22). A ideia de cidade denominada Belém do Pará construída neste textotrama apresenta-se enquanto o conceito de mapa rasurado e, portanto, nosso campo de tecedura.
- ix) *Ponto Invisível* - forma de tecer uma trama de modo que somente parte dela esteja visível, ao mesmo tempo, o que não se vê também é tramado junto e só poderá ser visto se (des)dobrar a trama, ou seja, este desdobramento pode se dar para além do textotrama. Permite, portanto, operações nunca acabadas, mas sempre por vir.

TECEDURA

No movimento de desvelar nossas figuras conceituais, partimos da ideia de *linha*, entendendo-a como elemento base na criação de um discurso, isto é, a *linha* remete aos fluxos desejan¹⁰ que nos movem, que nos atravessam;

[...] linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza. [...] E constantemente as linhas se cruzam se superpõem a uma linha costumeira, se seguem por um tempo. [...] É uma questão de cartografia. Elas nos compõem assim como compõem o nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.76-77).

Essas *linhas* que nos compõem, de acordo com Deleuze e Guattari (1996), podem ser do tipo segmentário, flexível ou de fuga. A linha segmentária se refere aos fluxos que nos territorializam, define segmentos duros que nos recortam em todas as direções, esta segmentaridade pertence a todos os estratos que nos formam; desta maneira, segmentarizar é também delimitar funções, territorializar; o vivido é segmentarizado espacial e socialmente: habitar, trabalhar, circular, brincar etc.

Por outro lado, a linha flexível é aquela sobre a qual passam os devires e, desta maneira, nos desterritorializa. Por fim, a linha de fuga é aquela que nos leva – através dos segmentos e também de nossos limiares – em direção a uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente, também nos desterritorializa. Entendemos que estas três linhas coexistem e são produzidas juntas, entrecruzam-se de forma a não mais se distinguir uma da outra, rompendo-se, desta forma, a ideia de uma dicotomia dureza/reprodução *versus* devir/escape. Destacamos que a linha de fuga produz desequilíbrios na ordem preestabelecida (*molde*) possibilitando, desta maneira, a criação, questionando modelos e propondo novos encontros nas relações em que estes foram produzidos. Vale destacar que esta ação criadora do que não está pré-concebido pelo molde, dá-se sempre em um movimento de *ruptura/emenda*. Assim, quando nos referimos à figura conceitual *fiões discursivos*, estamos nos referindo a uma ou mais narrativa e/ou fragmento discursivo cuja composição se dá por este três tipos de *linhas*. Dessa maneira, partindo do entendimento de que *linhas* são fluxos desejan¹⁰ que nos compõem, passamos para outra importante figura conceitual, tramamos enquanto *nó* a força (ou as forças) que agencia tais linhas e, nesse sentido, dar nó é

¹⁰ Da ordem do desejo, que não se refere diretamente à carência, falta, reatividade, e sim ao desejo como uma criação, como uma vontade de criar, devir, pois são as necessidades que derivam do desejo e não o contrário (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 31). Podemos afirmar que a sociedade Capitalista, enquanto produtora de desejo, de fluxos, constitui-se de máquinas desejan¹⁰, onde tudo funciona concomitantemente, porém em hiatos, rupturas, avarias e falhas, intermitências e curto-circuitos, distâncias e fragmentações, uma soma que nunca reúne as partes num todo (ibidem, p.45).

impulsionar e efetivar a criação de um agenciamento, cuja formação pode ser entendida como a dos “rizomas (se compõem desse fragmento e mais esse e mais esse e...), não tem bordas que o definem ou o totalizam, mas seus fragmentos são todos segmentarizados, por isso (...) pode-se inventar um agenciamento como forma, a depender da apropriação que se faz de seus segmentos” (PORTELA, 2009, p. 13).

... E ENOSAMENTOS...

É a partir da figura conceitual de *nó* como agenciamento que constituímos uma das principais ideias-força deste textograma: o *enosamento*. Da ordem do dissenso (RANCIÈRE, 1996), este termo se trata de um conjunto de agenciamentos que se interpelam entre os *fiões discursivos* e cujo emaranhamento pode vir a contribuir para o desvio (a *ruptura*). Em outras palavras, os enosamentos se referem ao emaranhamento de diferentes agenciamentos, em que estes emaranhamentos ocorrem devido à presença de *nós* oriundos de ações de Insistências que intervêm sobre agenciamentos institucionais (hegemônicos). Nesse movimento, observamos que as ações de Insistências presentes nos discursos dão vários *nós* nos diferentes *fiões discursivos* a fim de equilibrar o instaurado desequilíbrio de forças entre termos construídos nas oposições binárias da linguagem, de modo que, mesmo na precariedade (como no caso da gambiarra) e com instrumentos arbitrários, ou não, que estiverem acessíveis, criam condições que viabilizam o equilíbrio entre forças distintas nas subjetivações hegemônicas.

Nessa perspectiva, ousamos conceber *enosamento* também como o emaranhamento de conceitos como: a tática certeauriana, o Menor¹¹ deleuzeano, a Metáfora da Linguagem de Stuart Hall, a rasura derridiana; é um conjunto de ações/ articulações que operam na Insistência, subvertem os discursos e a linguagem existente (criam narrativas Menores), apropriando-se e criando para si territórios inomináveis, recortes do mundo sensível sobre outros recortes do mundo sensível.

A respeito da própria nomeação “enosamento”, este se trata da ação de dar *nó* continuamente, enosar, opera com e entre os signos dominantes subvertendo-os ou criando novos signos de maneira a falar o não-dito, ou melhor, de forma a operar na diferença e “denunciar” continuamente que se trata de uma construção discursiva des-re-criada que atravessa discursos dominantes. Enquanto que emaranhar significa não mais permitir a distinção entre os *nós*, as *linhas*, os *fiões discursivos* ... é criar um rizoma, é não definir começo nem fim, não determinar por uma ordem ou hierarquia, mas sempre constituir um meio ou, ainda, fluir no entremeio.

O molde, tal como sugere Deleuze e Guattari (2004), faz referência aos mecanismos de

¹¹ Conceito desenvolvido na obra “Kafka, por uma Literatura Menor” de Gilles Deleuze (1977).

regulação, controle e estratificação, ou seja, é o que encerra a experiência em forma totalmente pronta e a despotencializa¹². Entretanto, uma linha de fuga que perpassa linhas segmentárias gera uma *ruptura* e assim também pode tanto desfazer o *molde*, emaranhando diferentes *fiões discursivos* que este conduzia, produzindo uma criação de outra natureza ou, ainda, pode criar outro *molde*.

O movimento inicial na confecção deste textotrama parte de três *enosamentos* que, enquanto um conjunto de agenciamentos, de uma maneira ou de outra operam juntos sempre em movimento e ao mesmo tempo. Deste modo, para se poder dar lugar, dar visibilidade a este grande emaranhamento de enosamentos, utilizaremos a grafia: ~~PERSONIFICAÇÕES PROJETAÇÕES PALAVRAÇÕES~~. Isto posto, indicamos que, como procedimento de urdidura, cada um destes enosamentos se constitui de *fiões discursivos* que abordam, respectivamente, três questões fundamentais: aquelas relacionadas às construções discursivas de identidade (enosamento personificações); aquelas que tratam das construções discursivas de cidade (enosamento projeções) e, por fim, as que versam sobre produção de sentido ou processos coletivos de subjetivação a partir da fala e/ou grafia das palavras (enosamento palavrações).

Desta forma, para construir o campo de tecedura ~~Belém~~ em nosso trabalho, selecionamos discursos que perpassam os territórios experienciados por grupos denominados (hegemonicamente ou não) como quilombolas, indígenas e ribeirinhos em **Belém**; por entender que os sujeitos delimitados/identificados por estas categorias identitárias praticam ações de Insistências que tramam *cidade* – e, assim, criam dispositivos de ruptura e/ou emenda que escapam/desviam/subvertem os hegemonicamente estabelecidos mecanismos reguladores da **cidade** (os moldes), configurando táticas (CERTEAU, 2011) como forma de criar, permanecer e/ou resistir e, sobretudo, insistir em seus territórios construídos nos espaços urbanos, instaurando, desse modo, **Belém**.

Entre as significações mais comuns no dicionário podemos perceber certo sentido pejorativo para o termo “ribeirinho” que, diga-se de passagem, em nenhum destes significados foi vinculado ao sentido de cidadão ou como um elemento de que também a cidade está constituída, pelo contrário, a esta figura ribeirinha lhe cabe somente o rio e tarefas “informais”. Portanto, esta é hegemonicamente a designação senso comum direcionada à toda população que habita sobre os rios que recortam os territórios de **Belém**, cuja expansão física pelas águas se dá por meio de palafitas e

¹² Decalcar é traduzir, organizar, estabilizar, neutralizar as multiplicidades, injetar redundâncias e as propagar a partir de um modelo estrutural ou gerativo, operar a partir de uma lógica arborescente, da representação (Cf. DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.21-22).

estivas fincadas por estruturas aparentemente frágeis em terrenos movediços, mas que estão sempre sendo renovadas, reconstruídas como bricolagem e, assim, resistem e insistem duramente no que é dito espaço urbano pela determinação de seus construtores, os quais, não evocaremos como **ribeirinhos**, mas, como *aqueles que insistem sobre as águas* ou os **ribeirinhos**.

Estes sujeitos que *insistem sobre as águas* usufruem do Guamá, principal rio de Belém, para subsistência (pescam, lavam roupas, navegam em pequenas embarcações e canoas para trabalhar transportando pessoas e cargas, etc.), conectam-se às áreas ditas rurais (ilhas e outros municípios vizinhos – muitos são imigrantes, na concepção hegemônica, oriundos do interior do Pará ou de estados vizinhos) e constituem uma ~~cidade~~ estabelecendo outros tempos, outros ritmos, outras lógicas em suas relações com o espaço dito urbano. Ao mesmo tempo estão imersos na **cidade**: são mão-de-obra em mercados, residências, lojas de departamentos, indústrias, entre tantos outros trabalhos no setor de comércio e serviço ditos formal e informal que estimulam a economia local; onde usufruem também dos equipamentos e benefícios que a **cidade** proporciona: escolas, hospitais, transporte público, programas sociais, entre outros (ARAÚJO, 2008).

As populações denominadas pelo discurso dominante enquanto **indígenas** que habitam **Belém**, por sua vez, são oriundos de outras localidades situadas no interior do **estado do Pará**. De acordo com suas narrativas, muitos destes sujeitos são aqui entendidos como ~~indígenas~~ (ou como *aqueles que insistem vestidos para guerra e festa*, à medida que residem, resistem e insistem sobretudo nas regiões mais periféricas e pobres do espaço urbano. Absorvidos pelo mercado de trabalho, em muitos casos, no hegemonicamente denominado “setor informal” (lavadeiras, pedreiros, empregadas domésticas etc.), concomitantemente, criam furos, táticas de permanência e acesso aos diferentes territórios da hegemonia no instituir ~~cidade~~ através da reivindicação de seus direitos enquanto ditos **indígenas**; pelo reconhecimento de suas diferenças (seus processos outros de subjetivação na **cidade**), pelo ingresso em instituições de ensino, serviços de saúde, melhores condições de moradia, entre outros (ALMEIDA; COSTA; NOVAES, 2006).

Por fim, aqueles que residem no Quilombo do Abacatal, de acordo com seus depoimentos, resistem em uma terra que lhes foi herdada e ali ainda hoje mantêm atividades agrícolas de subsistência, fazem farinha, possuem diversos equipamentos de uso comunitário (como salão de festas e reunião, casa de farinha, escola, etc.), consideram a terra de forma coletiva onde as decisões de uso e ocupação do solo são realizadas por outra lógica que diverge daquela Capitalista. Ao mesmo tempo, estes sujeitos – hegemonicamente ditos **quilombolas** - trabalham na feira e mercado municipal de Ananindeua e em outros espaços de comércio e serviço e, assim como as dinâmicas dos outros segmentos sociais descritas anteriormente, participam da vida urbana e buscam permear os territórios e a dinâmica que a cidade hegemônica oferece (ACEVEDO MARIN; CASTRO, 2004), seja pela autodenominação quilombola e reivindicação dos direitos legitimados que esta

identificação hegemônica oferece, seja pelo desejo de permanecer na invisibilidade ou obliteração, isto é, pelo agir **quilombola**, assim, por operarem dessa maneira, a estes sujeitos nomearemos aqui como *aqueles que insistem na obliteração*.

Em suma, cabe destacar que as nomeações que aqui criamos como **ribeirinhos**, **indígenas** e **quilombolas** remetem ao que dizemos como sujeitos que não se delimitam nas categorias fixas e homônimas estabelecidas pelo discurso dominante mas, a partir de táticas de Insistência, transitam por estas categorias e ao mesmo tempo também criam outras (efêmeras ou não). Portanto, a estes devires-criadores-de-categorias-na-insistência cartografados em nossa pesquisa em meio a esses grupos é que aqui nomeio respectivamente: *aqueles que insistem sobre as águas*, *aqueles que insistem vestidos para guerra e festa* e *aqueles que insistem na obliteração*. Nomeações estas que se constituem como meus próprios fios discursivos, meus próprios dizeres identidade e cidade acionados a partir das relações por mim experienciada nestes e com estes grupos, as quais são base de todo o desenvolvimento da trama de enosamentos aqui constituídos.

Concomitantemente aos processos de subjetivação inerentes às ações de Insistência realizadas por estas coletividades categorizadas enquanto **indígenas**, **quilombolas** e **ribeirinhas**, entendemos que a lógica do mercado captura suas subjetividades e as recodifica, transformando-as em bens culturais (objetos, hábitos e comportamentos) “enlatados”, concebidos para serem consumidos. Estes espaços de consumo estão calcados na reprodução retórica de um discurso dominante construído a partir da justificativa de foram feitos para o “orgulho e usufruto dos cidadãos belenenses”, para “o resgate das raízes culturais” (remetimento à ideia de identidades e origens caboclas) e para evidenciar a potencialidade de desenvolvimento econômico (PONTE, 2007).

Entretanto, são espaços perversamente segregadores, de controle e higienização social, imersa no fenômeno da gentrificação cujos sujeitos singulares provenientes de mocambos, aldeias e palafitas não são bem-vindos, pelo contrário, são afastados dos espaços luminosos que edificam patrimônio, cultura e lazer, por meio de políticas excludentes, orientadas pelo *ideário tolerância zero* (RIBEIRO, 2004). Torna-se fundamental desenvolver problematizações e reflexões intrínsecas aos processos de homogeneização e singularização, para além do entendimento dicotômico entre hegemonia e minoria, problematizações que se inserem no entremeio dessas relações, problematizações estas que aqui denominamos Insistências, as quais também estão imbricadas ao contexto da espetacularização dos territórios múltiplos da **cidade**. Eis que a construção deste próprio textotrama que aqui se dá a ver tenciona ampliar as discussões inerentes às práticas discursivas e de construção do espaço urbano, no intuito de se buscar possibilidades outras que desviem do contexto binário de inserção/exclusão, inclusive no campo do urbanismo enquanto

instrumento de saber e controle; refletir como ocorre este duplo movimento de subversão dos discursos dominantes e captura dos discursos das minorias, no intuito de refletir acerca de como ocorrem os desvios por meio das práticas ordinárias da cidade (CERTEAU, 2011) e como se dão estas maneiras. Outras de conceber e construir dizeres identidade e cidade no espaço urbano, nos questionamos: É possível visualizar ações de Insistência em **Belém** em meio ao processo de homogeneização instaurado pelo consenso da “Metrópole da Amazônia”?

PROCEDIMENTOS DE URDIDURA

No que consiste aos nossos modos de tecer a trama de discursos sobre as relações, conflitos e dissensos que abarcam dizeres identidade e cidade via coletividades singulares em **Belém**, nos fundamentamos em investigações baseadas sobretudo por conversações (não necessariamente um diálogo, uma entrevista ou uma aplicação de questionário, mas uma conversa preñe de afectações¹³) que nos permitiram reunir fragmentos discursivos (e tramá-los como fios discursivos) coletados por meio de convivências *in loco* nos territórios construídos pelas minorias. A partir destas *experenciações*, objetivou-se tecer uma trama que articula o cotidiano (BLANCHOT, 2007) destas coletividades, os fluxos que as atravessam, as contaminações por outras narrativas.

Cabe destacar que os procedimentos para se realizar uma conversação se atrelam da *experenciação*, assim, são sempre inventados de acordo com o contexto em que se encontra, pois não se segue nenhuma espécie de protocolo normalizado, mas se procura assumir uma posição que permita acolher o desejo enquanto processo de produção de subjetividades. Para isto, utilizamos de todo o corpo vibrátil (ROLNIK, 1987) (que permite ser afectado) como instrumento de apreensão dos fluxos desejantes que escapam do plano de organização de territórios com o qual opera o discurso dominante. Nesse sentido, acerca das afectações experienciada, engolimos palavras, dizeres, visões de mundo oferecidas, sobremaneira, pelas coletividades singulares centrais dessa trama, e as manuseamos de forma a dizer o não-dito, a criar um discurso que nos revele as ações de Insistência criadas nas disputas pelos dizeres identidade e cidade em meio à instituição **Belém**. Assim, retiramos tais palavras, dizeres e visões de mundo de seu “contexto original” e os tramamos de maneira a poder evidenciar as intensidades das afectações apreendidas, no intuito de desestabilizar o senso comum construído pelos discursos dominantes a respeito de tais coletividades e de seus modos de subjetivação no que se diz cidade, e criar, a partir dessas afectações, formas

¹³ No sentido deleuzeano de interpelações de afectos, onde estes seriam as potências, os devires que transbordam para além de quem os atravessa. São entendidos, portanto, não simplesmente enquanto sentimentos ou afeições (MAGNAVITA, 2012), mas pelos devires, que excedem as forças daquele que passa por eles. A exemplo, Deleuze cita a música e o cinema como uma grande possibilidade criadora de afectos, a qual nos arrasta para potências acima de nossa compreensão (BUTANG, 1996).

poiéticas e potentes de dizer identidade e cidade (os nós - novos agenciamentos coletivos de enunciação) que se inserem no entremeio da “espontaneidade rebelde” e da captura destas na formulação de novos saberes (DELEUZE,1992).

No exercício da não delimitação, do não fechamento dos dizeres identidade e cidade, o enosamento Personificações trama fios discursivos sobre identidade a partir da apresentação de uma série de personas (alegorias-nós), agenciamentos criados para dizer o não-dito sobre identidade, cada um a seu modo. Estes devires agenciam, criam nó, desreconstruindo ideias de termos como índio, quilombola e ribeirinho na **cidade**. Para isso, primeiramente traçamos discursos calcados sobretudo na academia para falar sobre identidade e, a partir desses, os tramamos com aqueles experienciados durante a cartografia *in loco*, na qual emaranhamos alguns termos intrínsecos aos discursos enunciados por esses grupos (minoridade e hegemonia), a exemplo de: bandoleiro, lavrador, urubu, carambola, Jurupari, tapuio, xerimbabo e xero. Outros termos, a exemplo de “Guerra e Festa”, os inventamos a partir do desejo de falar identidade por meio de nossas afecções experienciadas na cartografia. Vale destacar que estes nós surgiram como forma (afectada) de falar o não-dito existente nos tensionamentos internos e externos a esses grupos pelo ser índio, quilombola e ribeirinho, porém, não necessariamente consideramos estas disputas isoladamente para cada grupo, mas as tramamos de forma imbricada, são conflitos presentes em meio aos devires, nomeados como: *aqueles que insistem sobre as águas*, *aqueles que insistem na obliteração* e *aqueles que insistem vestidos para guerra e festa*.

Assim, trabalhamos fundamentalmente com três formas de falar sobre essas coletividades singulares: i) a primeira, grafada sempre em negrito, refere-se ao sentido hegemônico, legitimado, aquele que é explicitado em documentos oficiais (sobretudo leis) radicados e delimitados pela lógica do pensamento arborescente; ii) a segunda forma de falar sobre estes grupos é aquela que articula esta primeira (hegemônica) àquela enunciada pelos próprios sujeitos singulares e que, de certa maneira, borram o “significado oficial” (por isso a grafamos com a rasura); 3) a terceira e última forma de falar sobre estes sujeitos é aquela enunciada a partir das afecções da autora. Tais afecções não necessariamente correspondem a cada grupo separadamente (por exemplo, apesar da expressão se originar de afecções oriundas da cartografia nas palafitas, os que *insistem sobre as águas* não se refere apenas aos ~~ribeirinhos~~) mas os imbricam e enlaçam a todas as coletividades singulares aqui cartografadas. Esta forma de falar é grafada sempre em itálico e com a expressão “os/ aqueles que insistem”, buscando assim apresentar estes sujeitos (interceptados pelas minhas afecções) enquanto criadores de ações de Insistência, explanando seus contínuos processos de subjetivação autopoiética.

Dessa maneira, queremos dizer que não nos interessa somente esboçar como cada

coletividade singular em questão disputa o dizer identidade em **Belém**, mas falar sobre os devires que emergem desses litígios, as ações de Insistência que os entrelaça. Nessa perspectiva, conforme explicitado anteriormente, para falar como estes entrelaçamentos/disputas de dizeres identidade e cidade se dão, tivemos que criar três enosamentos imbricados entre si e por isso grafados **PERSONIFICAÇÕES PROJETAÇÕES PALAVRAÇÕES**.

O enosamento Projeções foi confeccionado de modo a tramar fios discursivos que constituem dizeres cidade Belém por meio de uma série de agenciamentos (nós) aqui nomeados como: Putirum, Pincho, Saru-sajica, Furos, Estivas e Teteté-Maranha. Estes nós foram aqui tramados considerando alguns principais aspectos que, a partir das negociações realizadas pelos sujeitos que ocupam e constroem cidade, emergem das relações que a constituem, tais como: relações de trabalho, relações em torno da questão fundiária, relações de poder e política. Cabe ressaltar ainda que a trama inicial deste enosamento parte do referencial teórico que abarca os conceitos de Planejamento, Plano e Projeto como maneiras de construir e instituir dizeres **cidade**. Nessa conjuntura, o termo projeções surge aqui como rasura de conceitos dominantes estabelecidos sobretudo no campo da Arquitetura e Urbanismo.

Ao fim, no enosamento Palavrasções tramamos nós que falam o não-dito fundamentado sobretudo em afecções experienciadas pela autora por meio de suas relações com os sujeitos singulares aqui cartografados. Este enosamento tem como influência bibliográfica inicial, a obra “Kafka - por uma Literatura Menor” de Gilles Deleuze (1977), na qual rasuramos o conceito de Menor tramando-o no nó Cidadania Menor, como maneira de explicitar, no nosso entendimento, um modo poético possível de se subjetivar “...e identidade e cidade e...”. Ademais, este enosamento apresenta nossas afecções frente a esse(s) modo(s) Outro(s) de se subjetivar **Belém**. Trama questões de modo a não solucioná-las através de relações causa-efeito, e sim a ampliá-las por meio de outras problematizações.

Assim sendo, o nomeamos como Palavrasções de acordo com o entendimento de que é também por meio da reinvenção da língua, da expressão, por meio das palavras que podemos criar ações de Insistência. Destarte, além do nó Cidadania Menor, o nó Ju foi tecido como modo de problematizar processos de (in)visibilidade que os sujeitos instauram nas relações uns com os outros frente às disputas pelo instituir cidade Belém; em seguida, o nó Pugñ òn foi tramado para falar acerca de processos coletivos de subjetivações que nos interpelam ao mesmo tempo em que nos escapam, nos atravessam engendrando um “incômodo” refletido pela incompreensão de certos códigos Outros.

Por fim, tramamos um “nóssário” que pode ser considerado como uma espécie de “glossário dos nós”, criado não como forma de reduzir por meio de definições plenamente delimitadas de cada um dos nós, mas se apresenta apenas como maneira de auxiliar na visualização das conexões

possíveis entre os nós, bem como entre os próprios enosamentos.

NÓSSÁRIO

DA ORDEM DO ENOSAMENTO PERSONIFICAÇÕES

(Modos de instituir identidade)

Guerra e Festa – Relativo ao travestir-se para situações de conflito e para celebrar a diferença; contexto em que se atua tal como um personagem que o outro deseja ver.

Xero – Refere-se às relações de parentesco; aos movimentos de reconhecimento/ entrelaçamentos internos das coletividades singulares; rede poética.

Bandoleiro-Lavrador-Urubu – Relativo aos movimentos de não encapsulamento, que fogem da mesmidade no que tange a não adequação às lógicas dominantes de trabalho e consumo.

Carambola – Refere-se ao movimento de não fixação em uma identidade fixa, mas ao constante acionamento de identificações; dar saltos de uma identidade fixa à outra.

Senhor K – Remete ao sujeito que atua na diferença, mas ao mesmo tempo deseja a mesmidade, o encapsulamento do outro; sujeito que tem a potência de uma linha de fuga, mas esta é utilizada também para o molde.

Jurupari – Sobre questões referentes à reprodução do pensamento dominante (senso comum) frente às coletividades singulares; assombrações que são evocadas para atualizar estigmas; medos.

Tapuio-xerimbabo – Opera na ordem da mesmidade, refere-se a sujeitos que se deixam moldar pela lógica da representação ou que utilizam de elementos relacionados aos modos de subjetivações autopoieticas para atualizar o pensamento hegemônico e homogeneizante; os que cooperam para a manutenção do *status quo*.

DA ORDEM DO ENOSAMENTO PROJETAÇÕES

(Modos de instituir cidade)

Putirum – Agenciamento coletivo de diferentes sujeitos que não necessariamente acionam as mesmas identificações, que se reúnem e unem forças para algum(ns) objetivo(s) específico(s) em comum.

Pincho – Relativo ao jogo de forças, ditar as regras dos jogos discursivos que objetivam instituir cidade/ identidade; estabelecer as regras inerentes às disputas pelos territórios do espaço urbano contemporâneo.

Saru-sajica – Movimento de confecção do molde e despotencialização das linhas de fuga. O que não permite o devir, mas engendra a reprodução/ atualização de uma ideia de identidade delimitada, moldada; de uma ideia de cidade cristalizada.

Furo – Remete às ações de Insistência pela porosidade na cidade; ações que viabilizam o acesso a territórios negados na ~~cidade~~.

Estiva – Conexões realizadas por afectações; ponte entre tempos e mundos possíveis, remete à ideia de Outrem; situações que viabilizam estabelecer Outrem.

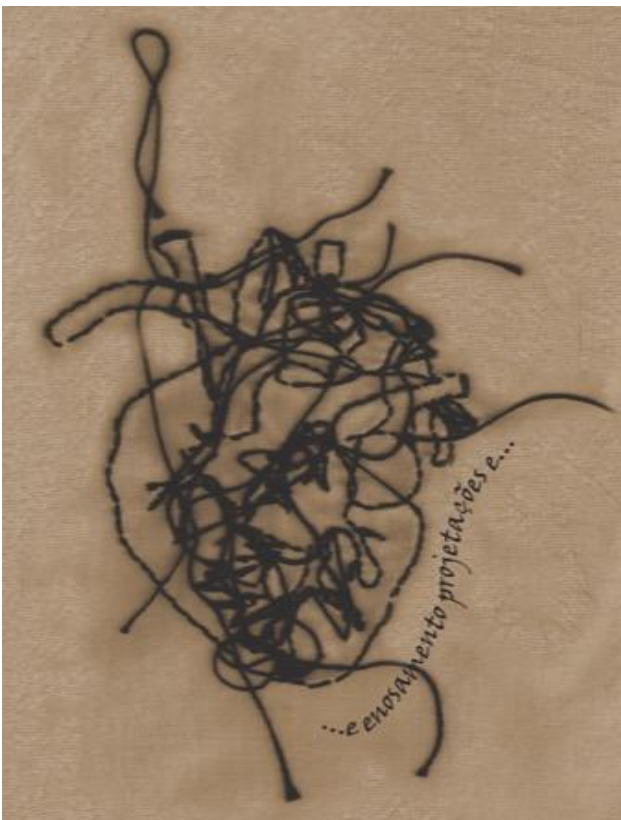
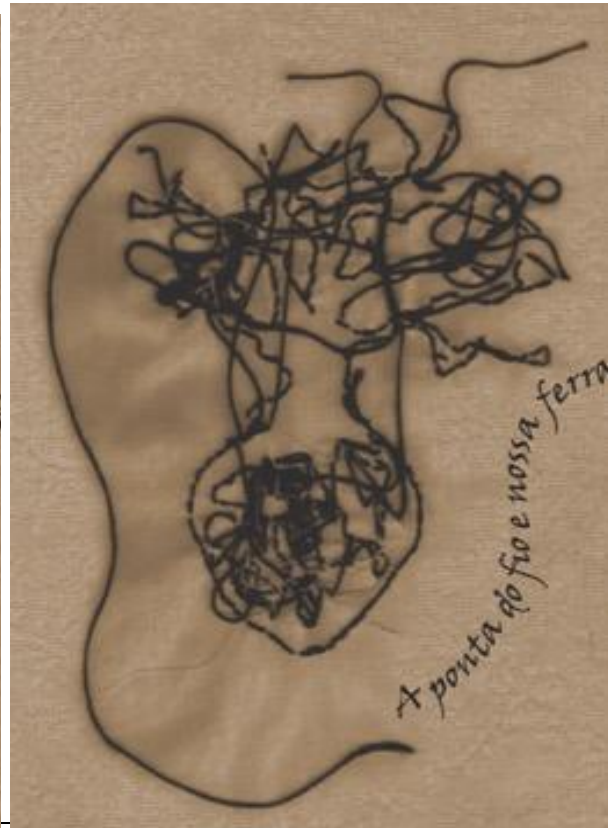
Teteté-maranha – Movimento de não priorização, postergação; situação de contradição e/ou disjunção entre o que se enuncia e como se age.

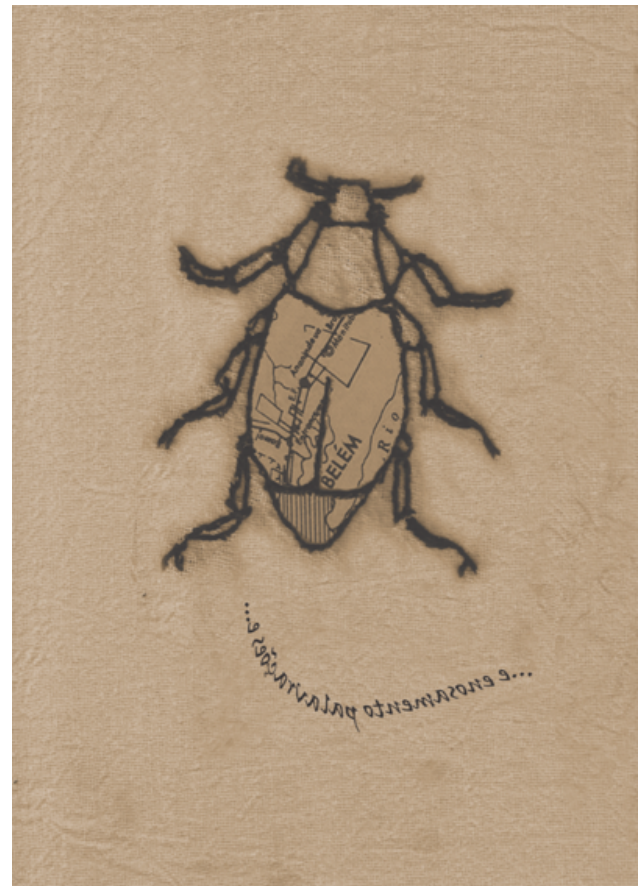
DA ORDEM DO ENOSAMENTO PALAVRAÇÕES

(Modos de subjetivar identidade/cidade)

Ju – Termo ligado às questões de obliteração; remete ao movimento aparecer/ desaparecer como ação de Insistência nas disputas pelos/ nos territórios instituídos na cidade.

Pugûn õn – Sobre questões de inacessibilidade/ incompreensão diante dos territórios criados via subjetividades autopoieticas; relação das coletividades singulares e seus territórios, seus modos de se subjetivar na ~~cidade~~.





REFERÊNCIAS

- ACEVEDO MARIN, R. E.; CASTRO, E. M. R. **No Caminho de Pedras de Abacatal: experiência social de grupos negros do Pará.** Belém: NAEA/UFPA, 2ª. ed. 2004.
- ALMEIDA, A. W. B.; COSTA, S. M. G.; NOVAES, J. S. (org.). **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.** Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia. Fascículo 1: Indígenas na Cidade de Belém. Belém: Fundação Ford/ PPGSCA – UFAM, 2006.
- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos.** Petrópolis: RJ: Vozes, 2000.
- ARAÚJO, F. S. **Entre Portais do Espetáculo e Portas do Cotidiano sobre as Águas do Guamá: cartografando processos construtivos de subjetivação no Jurunas, Belém-PA.** (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2008. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/download.php?idArquivo=44>> Acesso em: março de 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.
- BLANCHOT, M. **A conversa infinita 2: a experiência limite.** São Paulo: Escuta, 2007.
- BUTANG, A. **Abecedário Gilles Deleuze - L'Abécédaire de Gilles Deleuze Avec Claire Parnet.** [Documentário/Entrevista]. Direção de André Butang. França, 1996. Duração 8h aprox. Disponível em: <<http://filoufscar.weebly.com/1/post/2011/09/ntegra-o-abecedario-gilles-deleuze.html>>. Acesso em: junho de 2010.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- DELEUZE, G. **KAFKA Por uma Literatura Menor.** Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1.** Trad. Aurélio Guerra Neto, et.al... – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 3.** – São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5.** – São Paulo: Editora 34, 1997b.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia.** Trad. Georges Lamazière – Rio de Janeiro: Imago, 1976. Trad. Joana Moraes e Manuel Carrilha – Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Org. e Trad. Roberto Machado. 17ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GUATTARI, F. **Caosmose.** Um Novo paradigma Estético. São Paulo: ed. 34, 1992.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** 5ª Ed. Petrópolis, 1999.
- GRUPO DE PESQUISA MODERNIDADE E CULTURA – GPMC. **Caos-grafias Cidade: experiências sobre modos de conceber e dizer cidades.** (Projeto de pesquisa). Rio de Janeiro: s.ed., 2013.

- MAGNAVITA, P. **Diferente forma de pensar a Cidade e o Urbanismo**: a história e a lógica da multiplicidade. In: Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, volume 8, n.5, 2004.
- MARICATO, E. **Brasil, Cidades**: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PONTE, J. P. X. **Cidade e água**: Belém do Pará e estratégias de reapropriação das margens fluviais. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 085.02, Vitruvius, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/237>>. Acesso: janeiro de 2008.
- PONTE, L. A. S. X. **A População Indígena da Cidade de Belém, Pará**: alguns modos de sociabilidade. In: GOELDI, Emílio. Boletim do Museu Paraense. Ciências Humanas, Belém, v. 4, n. 2, p. 261-275, maio-ago. 2009.
- PORTELA, T. B. **A Escuta às Resistências**. In: Anais do XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Florianópolis, 2009. In: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_02.asp>. Acesso: agosto de 2014.
- RANCIÈRE, J. **O Desentendimento – política e filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- RIBEIRO, A. C. T. **Oriente Negado**: cultura, mercado e lugar. In: JACQUES, P; FERNANDES, A. (Or.). CADERNOS PPG-AU/FAUFBA/ Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. – Ano 2, número especial, (2004) – Salvador: PPG-AU/FAUFBA, 2004.
- ROLNIK, S. **CARTOGRAFIA ou de como pensar com o corpo vibrátil**. 1987. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: janeiro de 2008.
- SANTIAGO, S. (Org.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.